

Alexandre Surrallés, *Au coeur du sens – Perception, affectivité, action chez les Candoshi*. Paris: Éditions du CNRS-Centre National de Recherche Scientifique, 2003. 280 páginas.

Miguel Carid Naveira  
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina

Nos últimos vinte anos, a etnologia amazônica foi objeto de uma profunda reviravolta teórica que vem submetendo a críticas alguns dos princípios teóricos básicos que sustentaram grande parte das pesquisas etnológicas anteriores. Uma das frentes abertas por essa retomada crítica, promissora tanto para a etnologia quanto para a teoria antropológica geral, diz respeito à recolocação de alguns dualismos clássicos, como por exemplo os pares natureza/cultura, emoção/razão ou língua/fala, que nortearam, e norteiam ainda hoje, muitas das reflexões da etnologia em geral.

O presente livro de Alexandre Surrallés, versão revista de sua tese de doutorado defendida na EHESS (*École de Hautes Études en Sciences Sociales*) em 1999, junta-se a esse ímpeto de criação teórica, tomando da fenomenologia a base conceitual analítica de sua etnografia sobre o povo Candoshi, sociedade pertencente ao conjunto Jívaro, situada na região setentrional do Peru, na Alta Amazônia. Concretamente, o autor utilizará como horizonte teórico geral os trabalhos de Merleau-Ponty e as considerações da *démarche* greimasiana – influenciadas também pelas idéias de Merleau-Ponty – sobre a teoria da percepção e as condições de produção da significação.

De fato, foram essas duas fontes que inspiraram a estrutura capitular da obra. Surrallés aborda, na primeira parte, intitulada “Estados da alma”, o fenômeno da percepção, principalmente a partir do estudo pormenorizado do lugar que o coração ocupa na teoria candoshi, nexo de todos os elementos constituintes da pessoa e do sujeito perceptivo. Na segunda parte, “Estados de coisas”, examina-se o mundo percebido e as relações intersubjetivas decorrentes dos investimentos relacionais, com especial atenção ao fenôme-

no da predação. Finalmente, nos capítulos seis e sete, agrupados sob o título "Estados de fato", analisa-se o envolvimento do mundo percebido no sujeito perceptivo, e elabora-se de uma teoria global da ação candoshi.

"A gente vê com o coração". Essa frase misteriosa (não para os Candoshi) que chama a atenção de Surrallés já em uma etapa avançada de seu trabalho de campo, e que inspira o título do livro, desencadeará uma etnografia minuciosa do papel nodal que o coração tem entre os Candoshi: *locus* da percepção, regulador da vitalidade do metabolismo, núcleo da ontogenia, nó que liga tanto as atividades do que nós chamaríamos pensar quanto aquelas do que entendemos comumente por sentir, o coração se apresenta como o órgão unificador de processos para cujo desvelamento será necessário pôr entre parênteses a herança cartesiana, e levar a sério uma teoria nativa que, como a fenomenologia procura fazer, dispõe as dicotomias sujeito/objeto, pensar/sentir, consciência/corpo, na abertura de um mundo de sentido tangencial ao nosso dualismo básico: realismo/idealismo.

A etnografia, que trata em profundidade aspectos muito diversos que vão de uma etno-fisiologia ao xamanismo, passando pelo parentesco ou o ritual, o faz com uma atenção profunda ao detalhe etnográfico, compondo a estrutura da obra em consonância com o dinamismo vitalista do pensamento e da práxis candoshi. Alguns exemplos concretos desse acesso ao matiz – que só vinte e oito meses de dedicado trabalho de campo possibilita – são a descrição da casa e da teoria topológica candoshi, ou a exposição pormenorizada da relação espaço-tempo como um devir dinâmico tematizado a partir da compreensão nativa do movimento dos astros ou da estacionalidade. Se o corpo e a espacialidade ganham grande visibilidade no conjunto, o fazem ao estilo amazônico, como fenda aberta e permeável à relação com a alteridade e o tempo.

Acorde com essas preocupações está a ênfase que Surrallés põe na atenção candoshi pela dinâmica da matéria antes que pela classificação morfológica das entidades que povoam o seu habitat, isto é, propondo uma etologia relacional dos seres mais do que uma classificação baseada no isolamento da forma. Essa primazia dos elementos relacionais sobre o tratamento dos termos como essências pré-constituídas e definitivas se faz evidente, por exemplo, no capítulo dois, em que se aprofunda a noção de "ponto de vista" a partir de uma teoria candoshi dos sentimentos que contesta a

dicotomia sensação/cognição, tão característica das cosmovisões naturalistas.

Por sua vez, a atenção que Surrallés dedica aos processos de estruturação – ao “fazendo” mais do que ao “feito” – permite o acesso, nos capítulos que focalizam o parentesco, a uma compreensão histórica da constituição das aldeias candoshi, e sua influência sobre as noções de consangüinidade e afinidade, conseguindo, desta forma, ultrapassar os escolhos habituais das abordagens sincrônicas. Além do mais, a reciprocidade e a teoria do intercâmbio são subordinadas à ideologia da predação e aos princípios da dívida, fundamentos de uma filosofia social que não parece ter no intercâmbio e no equilíbrio recíproco seus valor fundantes.

Como Descola menciona no prefácio do livro que nos ocupa, a escolha da fenomenologia como horizonte interpretativo de longo alcance não parece obedecer nem ao acaso nem a uma filiação radical do autor. Surrallés chega a ela e a traz para o campo de análise porque considera que seu enfoque ilumina o modo candoshi de estar-no-mundo. Conforme o livro progride, esse modo candoshi parece adequar-se à teoria como o particular se acomoda ao geral. Essa pretensão fractal entre forma e conteúdo, entre a teoria e os dados, *tour de force* de toda boa etnografia, o autor procura realizar sem violência, com o tato dos que vislumbram na atividade etnográfica uma forma de aprendizagem.

Nesse sentido, é utilizada uma perspectiva monista para evitar os dualismos decorrentes da tradição cartesiana, nem sempre adequados para a descrição etnográfica das sociedades amazônicas. No entanto, os dados e a própria exposição de Surrallés nos parece abrir uma possibilidade talvez não suficientemente explorada ao longo do livro. Da mesma forma que Surrallés faz muito bem uma crítica dos dualismos fundantes de grande parte do pensamento ocidental moderno através do exemplo candoshi, impor-se-ia aqui, talvez, uma crítica candoshi de algumas articulações primordialistas da fenomenologia que nos parecem, em grande medida, advir como fruto de sua origem em negativo, ou seja, pelo seu contraste às teorias que pretende dobrar. Diferentemente da fenomenologia, o pensamento candoshi não precisa opor-se a nenhuma teoria global prévia para se constituir. Assim, não é necessário concordar com a preeminência de um domínio pré-objetivo firmado sobre uma teoria da percepção que troque, como seu aspecto fundante, o cognitivo pelo afetivo, e tampouco é preciso in-

vocar uma relação sem termos que priorize a tensão formal no advento da significação, se quisermos concordar com o autor – e com os Candoshi – acerca da inadequação desses dualismos na descrição das cosmo-práxis amazônicas. A dificuldade radica em saber, e compreender, em que consiste esse coração candoshi que pensante, pois talvez não seja um coração que pensa, como nós dizemos fazer com a cabeça, ao que se lhe acrescente nosso conceito de sentir.

Para finalizar, enfatizemos que a obra de Surrallés é uma dessas raras etnografias cuja densidade teórica permite alcançar uma teoria global da natureza humana a partir de um estudo de caso. É por isso que o livro, que certamente se converterá em uma etnografia de leitura obrigatória, entusiasmará com sua leitura tanto antropólogos quanto cientistas de outras áreas afins.